

RAUL POMPEIA NA IMPRENSA: RECEPÇÃO E CRÍTICA

Agosto de 2019 a Julho de 2020- Bolsa de Iniciação Científica/CNPq

Gabriel Akio Ferreira Yokota
gabrielyokota@gmail.com

Dirceu Magri
magridirceu@gmail.com / dirceu.magri@ufv.br

Profa. Dra. Joelma Santana Siqueira
jandraus@ufv.br

RESUMO: Este projeto visa fazer um recenseamento das matérias publicadas nos periódicos oitocentistas sobre o escritor Raul Pompeia entre os anos de 1880 e 1895 a fim de refletir sobre possíveis diálogos e contribuições dessas matérias para a recepção crítica de sua obra. Afora a primeira proposição, pretende-se ainda analisar aspectos de relevância para a história cultural do Brasil. Para tanto, faz-se cumprir os seguintes objetivos: i) inventariar na Hemeroteca Digital os periódicos que trazem ocorrências sobre Raul Pompeia e/ou menção às suas obras (muito deles já são do nosso conhecimento); ii) catalogar e analisar as notícias sobre Raul Pompeia; iii) cotejar as notícias publicadas nos diferentes jornais; iv) relacionar críticas às obras de Raul Pompeia emitidas por terceiros; v) Produzir material bibliográfico a partir das análises desenvolvidas (resumos para anais de congressos, capítulos de livros, artigos em periódicos).

PALAVRAS-CHAVE: Raul Pompeia, Imprensa, crítica, recepção.

O nosso sistema literário [...] oferece, em sua permanência quadrisseular, ocasiões numerosas para que possamos verificar a surpreendente operação póstuma em que a lápide ou a areia não sepultam apenas os despojos físicos do escritor. Também escondem, e às vezes por séculos, a obra e a palavra, a voz e o canto; e o nome antes glorioso ou ofendido, ou prometido a uma posteridade reparadora, fica a aguardar a ressurreição provável ou improvável, o chamamento de um novo presente ou de um novo futuro.

IVO, Lêdo. *O Universo poético de Raul Pompeia*. Campinas: Editora Unicamp, 2013, pp. 11-12.

Neste projeto, consoante às palavras de Lêdo Ivo, pretende-se um novo chamamento para Raul Pompeia, autor que se materializou nas páginas dos periódicos oitocentistas ao longo de quinze

anos de produção intelectual. Escritor e jornalista, nasceu em Angra dos Reis, em 1863, e morreu no Rio de Janeiro, em 1995. A epígrafe acima remete ao esquecimento a que foi condenado Pompeia logo após a sua morte. Talvez em razão de uma acusação de desacato ao presidente da República (Prudente de Moraes), ou à publicação de “Um louco no cemitério”, de Luís Murat, Pompeia foi condenado a um ostracismo decenal semelhante àqueles aos quais se condenavam cidadãos atenienses na Antiguidade (*O Ateneu*, por exemplo, só teve uma segunda edição em 1905, dez anos após a morte do autor).

“Autor de uma obra só”, epíteto que até nossos dias parte da crítica insiste em atribuir ao autor, Pompeia, como quer alguns¹, só não foi melhor romancista em razão da excessiva preocupação com o fenômeno estético, algo que perpassa sua escrita, individualizando-a a ponto de a sua expressão artística oferecer certa complexidade aos estudiosos que, ao refletir sobre o artista, consideram-no “impermeável”, haja vista a impossibilidade de rotulá-lo, como comumente faz-se aos escritores e às gentes comuns, de sorte que, esteticamente, Pompeia ora é realista, ora naturalista, ora parnasiano, impressionista, psicologista etc., etc. As afinidades estéticas são evidentes e descobri-las não demanda mais que uma leitura crítica, reflexão capaz de emergir correspondências entre os irmãos Goncourts e mesmo Baudelaire, este, irrefutável presença, já que Pompeia partilha das mesmas contradições internas do poeta francês, além, é claro, de ambos os artistas oscilarem entre *l’art pour l’art* e uma moral comprometida, contraditória e dilacerada².

Jornalista militante desde a sua juventude, Pompeia, particulariza-se justamente por escapar à obsessão rotulatória do exercício crítico e, na maioria das vezes, à leitura cosmética (quicá *semântica*³), distinguindo-se por um perfil cuja nitidez o fez um intelectual bastante combativo à sua época, envolvendo-se ativamente nas campanhas da Abolição e da República. Na primeira, liga-se a Luís Gama; ambas, porém, fazem-no malvisto perante alguns catedráticos, dentre eles, o supracitado Luís Murat, autor do libelo que estimula o trespasse de Pompeia.

¹ COUTINHO, Afrânio (2004, p. 177)

² SILVA, Marciano Lopes e (2008, p. 259).

³ ECO, Umberto (2015, pp. 11-15)

A atividade jornalística do autor é entremeada a uma produção intensa distribuída em ensaios, contos, fantasias, romances ou novelas, a maioria delas, inconclusa. Em 1880, aos 17 anos, Pompeia publica *Uma Tragédia no Amazonas*, quando ainda era estudante no Colégio D. Pedro II, obra classificada pelo autor como ‘ensaio literário’. Advogado e sem exercer a profissão, Pompeia passa a escrever para vários jornais, dentre eles o *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, no qual publicaria, em 1888, *O Ateneu*, sua obra-prima. Ainda na *Gazeta*, em 1882 começa a publicação de *As Joias da Coroa*, romance cuja inspiração, mesmo que no campo da suposição, remete ao *Le Collier de la reine* (1849), de Alexandre Dumas, no que se refere à trama; na forma, o folhetim, ambos se justapõem. A obra, segundo Herculano Pires (1962, nota explicativa) revela um pouco da psicologia do autor, qual seja, o que Capistrano de Abreu considerara algum “resquício de romançalhão”, algo que desaparecerá em *O Ateneu*.

No *Jornal do Commercio*, Pompeia inicia em 1883 as *Canções sem Metro*, poemas em prosa que Massaud Moisés (1984, p. 418) considera terem sido escritas “sob o influxo de Aloysius Bertrand e seu *Gaspar de la Nuit* (1842) e de Baudelaire e seus *Petits poèmes en prose*, ainda que nem todos os poemas sejam poéticos.

As colaborações de Raul Pompeia para os jornais oitocentistas se multiplicam e no mesmo ano da publicação de *O Ateneu* (1888), o autor inicia no mesmo jornal a seção “Pandora”, de crítica de arte, e também trabalha como correspondente para o *Diário de Minas*, periódico de Juiz de Fora/MG. O ano de 1889, é produtivo com colaborações para *A Rua*, de Pardal Millet, ao mesmo tempo que prossegue com sua coluna no *Diário de Minas*. Pompeia escreve para publicações de três Estados diferentes: Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais; contribuições que se distribuem pela *Gazeta do Povo*, *Gazeta de Notícias*, *Gazeta Literária*, *Jornal do Commercio*, *Folhetim Aos Domingos*, *Folhetim Lembranças da Semana*, *Periódico A Semana*, *Gazeta da Tarde*, *Revista Comédia*, *Diário de Minas*, *O Farol*, *O estado de São Paulo*. Por fim, Pompeia era polivalente e produziu muito mais fora do gênero romanesco: crônicas, contos, novelas, ensaios, artigos, caricaturas, desenhos, capas de livro e poemas em prosa são algumas das searas em que se aventurou.

Dito isto, pretende-se um recenseamento das matérias publicadas nos periódicos oitocentistas sobre o escritor Raul Pompeia entre os anos de 1880 e 1895, o que invariavelmente nos leva à uma revisão bibliográfica do autor. Hannah Arendt (2013, p. 277), em *Entre o passado e o futuro*, ao tratar da prevalência da opinião pública em contraposição à busca filosófica da verdade afirma que “cultura e política [...] pertencem à mesma categoria porque não são o conhecimento e a verdade que estão em jogo, mas sim o julgamento e a decisão, a judiciosa troca de opiniões sobre a esfera da vida pública e do mundo comum e a decisão quanto ao modo de ação a adotar nele, além do modo como deverá parecer doravante e que espécie de coisas nele hão de surgir”.

Ora, se partirmos da lógica de que a cultura jaz sob judiciosa opinião, podemos expandir a reflexão de Arendt e aprofundarmos como a cultura, na esfera da imprensa, é submetida à opinião e ao patronato industrial, que oferece dupla função de autoridade. A imprensa, no caso, apresenta aqueles “dispositivos disciplinares” (e reguladores) dos quais fala Foucault, exercendo certo grau de autoridade social. Não por outra razão, Werneck Sodré (1999, p. 4) afirma que “a luta entre a informação e a opinião não foi a única que marcou o desenvolvimento da imprensa”, mas a luta entre a opinião e a publicidade, afora ao fato de a imprensa haver compreendido que é possível orientar a primeira através do fluxo de notícias.

Tais considerações, a priori, parecem adequadas à grande imprensa capitalista atual, contudo, a imprensa na qual Raul Pompeia orbitou, pode ser considerada um protótipo do que estamos acostumados em nossos dias. A imprensa brasileira da segunda metade do século XIX já se desvincilhava da opinião dos leitores (característica da imprensa artesanal) e voltava-se, senão para os anunciantes, no modo selvagem da atualidade, mas para o poder, servindo-o de modo a ocultar a realidade ou a escondê-la.

Tratando-se da literatura, Pompeia se insere em um v rtice cuja consequência mais imediata era assegurar e/ou aumentar a fideliza o dos leitores, portanto, uma rela o ligada aos fen menos de venda. Ocorre que as obras publicadas nos periódicos oitocentistas, denominadas então *folhetins*, para a maioria dos críticos da época, sequer eram consideradas *literatura*. A pergunta “romance-folhetim   literatura?” era recorrente e Sainte-Beuve, por exemplo, o

classifica de “literatura industrial” (MEYER, 1999, p. 98). Para Gramsci (1950, pp. 117-121), a primeira leitura de ambos (o folhetim ou o grande romance) responde a motivações análogas, ‘conteudistas’ ambas, uma vez que “a emoção artística quase nunca nasce da primeira leitura”. Por fim, para o teórico italiano, as explicações para responder à recorrente pergunta “derivam de um fenômeno pelo menos tão velho como a religião, e é poliédrico, não unilateral”.

O fato é que Pompeia, por mais que tentemos uma “ressurreição provável ou improvável” (IVO – epígrafe), já é um sobrevivente dessa literatura baseada em *fait divers* e que tanto atraía a atenção dos leitores e garantia a sobrevivência dos jornais, haja vista todo um mundo de escritores contemporâneos a ele ter sido varrido do cenário literário pela poeira do tempo; condenadas ao ostracismo, supostas contribuições desses escritores à expressão artística que orientou e definiria a República das Letras do século XIX sequer foram levadas em consideração. Não por outra razão, Roland Barthes, em “Structure du fait divers” (1964, pp. 188-197) referia-se ao gênero como um “baú dos inclassificáveis da comunicação”. Por extensão, podemos atribuir àqueles que o praticavam a mesma definição.

Imprensa e literatura conviveram – e convivem – em estado de simbiose, de modo que a primeira tem sido repositório de fontes historiográficas para a recuperação de autores e obras e, como resultado, a alimentação de toda uma crítica que se volta ao passado na tentativa de explicar o modo nossos autores pensavam – e, de modo indireto -, como pensamos. Desse modo, o pesquisador pode optar por uma busca a partir de um periódico específico (seleção acima), fazer um recorte por período ou mesmo selecionar o local em que vieram à luz determinadas publicações. Com isso, ampliaram-se as possibilidades de pesquisa e acesso à informação, hoje não mais restrita aos centros de documentações, algo que trazia impedimentos em razão de deslocamentos e/ou manuseio e acesso a obras raras, por exemplo.

Ainda que Raul Pompeia seja um desses autores assíduos em manuais de literatura brasileira, na maioria das vezes sua aparição ombreia-se com Manoel Antônio de Almeida ao ser referenciado como “autor de uma obra”, sendo esta, *O Ateneu*, objeto de reiteradas análises, cujas abordagens diferem-se de crítico para crítico, ao sabor da reflexão, tornando-se uma daquelas obras explicadas demais. Ressalta-se que essas aproximações interpretativas são em

grande parte basilares e ajudam o iniciante em literatura brasileira – a maioria, estudantes de letras – a compreender melhor o autor e sua obra. Nesse rol, vale lembrar Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi, Antonio Candido, Lêdo Ivo, Eloy Pontes, Silviano Santiago, Sônia Brayner, mas também Araripe Júnior, Lúcia Miguel-Pereira, José Lopes Heredia, Sílvio Romero, Eugênio Gomes, José Veríssimo, Leyla Perrone-Moisés e outros tantos.

Entretanto, o que buscamos com esse projeto é revelar as características da obra de Raul Pompeia antes que se tornasse *volume*, isto é, os traços e propriedades que a tornavam distintiva dentro do formato do jornal em meio a toda uma *farelagem* que se publicava à época, tornando-se singular aos olhos da crítica. Por extensão, concentrar-nos-emos em suas imbricações com a produção literária que frequentava os mesmos veículos de informação, algo que por si só, já justificaria a iniciativa deste projeto.

Por outro lado, é natural que o levantamento de dados exija que o pesquisador lance olhos para o contexto político-social da época, o que o leva, digamos, a uma transversalidade em que o elemento literário vê-se difuso pelos fatos históricos. Contudo, vale ressaltar, estes últimos, aliados aos dados sociais e biográficos, a não ser naquilo que contribuam para explicar o desenvolvimento mental do autor, devem ser vistos como acidentes ocasionais, relegados a um plano secundário, em proveito da análise e da interpretação.

Como já enunciado, Raul Pompeia publica em três diferentes Estados da União, além de se envolver na criação de vários periódicos, muitos dos quais ligados ao universo estudantil, cujas sobrevidas foram relativamente curtas – alguns não passaram da primeira edição. O fato é que Pompeia cultivava amigos na imprensa e como era comum na época, ao publicar em diferentes periódicos, vale-se de pseudônimos, como Pompeo Stell, Raulino Palma e Rapp.

A recepção crítica de *O Ateneu* é incontestável, ampla desde a sua publicação em folhetim. Adherval de Carvalho, por exemplo, no jornal *O Tempo* escreveu mais de uma crítica elogiando Pompeia e sua obra. Araripe Junior, crítico ainda hoje de reconhecida relevância no cenário literário brasileiro, em artigo para o jornal *Novidades* classificou *O Ateneu* como romance psicológico e afirmou que seu autor seria o precursor de uma nova escola literária, sucessor da família *virgiliana*, que produziu Ovídio e Petrarca, na Itália. Contudo, reiteramos, o

objetivo maior deste projeto é ampliar a busca pela recepção crítica das outras obras do escritor, sem desprezo por quaisquer considerações, sejam elas relacionadas à sua obra-prima ou não.

Por fim, destacamos que este projeto, ainda em andamento, já começou a render frutos, a exemplo o artigo **Raul Pompeia: crítica e bibliografia**, da autoria de Dirceu Magri e de Gabriel Akio Ferreira Yokota.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário. “Raul Pompéia”. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Ed. Martins, 1967.

ARARIPE, Junior. “Raul Pompeia: *O Ateneu* e o romance psicológico”. In: *Obra crítica de Araripe Junior*. v. II. Rio de Janeiro: Casa Rio Barbosa, 1960.

_____. “Raul Pompéia como esteta”. In: *Obra crítica de Araripe Junior*. v. 3. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1963.

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 7. ed. Trad. de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1980.

_____. *Céu, Inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ática, 1988.

BARTHES, Roland. “Structure du fait divers”. In: *Essais critique*. Paris: Seuil, 1964.

BRAGA-PINTO, César. “Darwinism, Max Nordau and Raul Pompeia’s Struggle for Existence.” Foreword to *The Athaeneum*. Evanston: Northwestern University Press, 2015. p. vii-xvii.

_____. “The Honor of the Abolitionist and the Shamefulness of Slavery: Raul Pompeia, Luís Gama and Joaquim Nabuco.” *Luso-Brazilian Review*. 51(2), Dec. 2014. 170-199. (peer-reviewed)*

BRITO BROCA. *Raul Pompeia*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

CASTELO, José Aderaldo. “Raul Pompeia, *O Ateneu* e o romance modernista”. In: *Anhembi*, SP, IV, nr. 45, agosto de 1954).

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. v.5. Era realista, Era de transição. São Paulo: Global, 2004.

_____. Afrânio & SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Academia Brasileira de Letras, 2001.

_____. Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Coaut. de). *Obras*. Rio de Janeiro, RJ: FENAME; Oficina Literaria Afrânio Coutinho, 1981. (Coleção Vera Cruz, v. 324). p. 11/20.

GRAMSCI, Antonio. *Letteratura e vita nazionale*. Turim: Einaudi, 1950.

IVO, Lêdo. *O Universo poético de Raul Pompeia*. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis, de variedades e folhetins se fez a crônica. In: *A Crônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa e ficção*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

MOISÉS, Massaud. Raul Pompéia. In: _____. *História da literatura brasileira: romantismo, realismo*. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1984, v. 2.

PIRES, Herculano. Nota Explicativa. In: POMPEIA, Raul. *As Joias da Coroa*. Clube do Livro. São Paulo: Gráfica da 'Revista dos Tribunais', 1962.

PONTES, Eloy. *A Vida inquieta de Raul Pompeia*. Livraria José Olímpio Editora. Rio de Janeiro. 1935.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira: diversas manifestações na prosa, reações anti-românticas na poesia*. Tomo quinto. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

SANDANELLO, Franco B. *O escorpião e o jaguar: o memorialismo prospectivo d'O Ateneu, de Raul Pompeia*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

SILVA, Marciano Lopes e. *O mal de D. Quixote: romantismo e filosofia da história na obra de Raul Pompeia*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

SODRÉ, Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VERÍSSIMO, José. *Últimos estudos de literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

_____. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.